MEMÓRIA E HISTÓRIA: MULTIPLICIDADE E SINGULARIDADE NA CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTO ORAL

*Lucilia de Almeida Neves**

"O nosso lugar é hoje um lugar multicultural, um lugar que exerce constante suspeição contra supostos universalismos ou totalidades"

(Boaventura de Sousa Santos)¹

Resumo: O presente artigo analisa a questão da interdisciplinaridade na construção de documento oral, tomando como referência os seguintes conceitos: memória, história, identidade e multidisciplinaridade.

Palavras-chave: memória, história, identidade

Quem são os homens e mulheres que tecem a História da humanidade? Quem são os sujeitos construtores da trama temporal e processual que constitui a dinâmica da História? Quem são os líderes de movimentos sociais, quem são os revolucionários, os políticos, os nacionalistas, que incorporam paixões e crenças, razões e ideologias movimentando-se pelos caminhos da vida pública, fazendo de suas convicções, ações?

Os sujeitos construtores da história da humanidade são muitos, são plurais, são de origens sociais diversas. Inúmeras vezes defendem ideais e projetos opostos, o que é peculiar à heterogeneidade do mundo em que vivemos. Seus pensamentos e suas ações traduzem, na multiplicidade que lhes é inerente, a maior riqueza do ser humano: a alteridade. Alteridade que é referência de diferentes identidades – étnicas, culturais, nacionais, religiosas, sociais, de gênero, ideológicas. Alteridade que traduz a diversidade do potencial criativo do ser humano nas mais diferentes áreas de atuação.

Os sujeitos construtores da História são líderes comunitários, empresários, militares, trabalhadores anônimos, jovens que cultivam utopias, mulheres que la-

* Professora Titular de Metodologia da História e do Mestrado em Ciências Sociais – PUC Minas; Presidente da Associação Brasileira de História Oral.

¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica à razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 27.

butam no cotidiano da maternidade e, simultaneamente, em profissões variadas, são líderes e militantes de movimentos étnicos, são educadores que participam da formação das novas gerações, são intelectuais que pensam e escrevem sobre os problemas da vida e do mundo, são artistas que através de seu ímpeto criativo representam realidades e sentimentos nas artes plásticas, nos projetos arquitetônicos, nos versos, nas composições musicais, são cientistas que plantam o progresso e a inovação tecnológica, são políticos que se integram à vida pública, adotando ou uma prática de estatura maior ou fazendo do espaço público local de práticas patrimonialistas. Os sujeitos construtores da História, são enfim, todos que anonimamente ou publicamente deixam sua marca, visível ou invisível no tempo em que vivem, no cotidiano de seus países e também na história da humanidade.

São eles os responsáveis pela construção da poesia da História. Poesia que consiste no fato quase milagroso da singularidade dos processos históricos coletivos e na própria dinâmica da intervenção do homem na vida social, política, cultural, artística e científica de suas comunidades.

A História é consciência do passado no presente. É reconhecimento da ação humana na construção da temporalidade da própria história. A História é, enfim, uma grande façanha que consiste na busca incessante de se conhecer o passado. Mas o passado, como afirma Lowenthal, tende quase sempre a ser fugidio². Tende a ser quase irreconhecível na sua integridade, pois está sempre condicionado à visão e aos interesses do presente. O eterno presente faz com que o passado tenda a ser visualizado como nuvens em constante mutação e movimento. Como constelações de estrelas às vezes encobertas, outras vezes mais visíveis. Além disso, por sua amplitude e diversidade o passado foge à capacidade de apreensão – na sua inteireza – por qualquer ser humano.

Todavia, o passado é o principal suporte da identidade humana e como tal não pode se perder. Os gregos identificavam o passado esquecido com a própria morte. A mitologia grega, expressa, com vigor, a preocupação da cultura clássica da antiga Grécia com o esquecimento e com seu oposto, a lembrança, a recordação. Na mitologia grega a deusa da memória, *Mnemosyne*, é mãe de *Clio*, a musa que protege a História. A elas cabia a tarefa maior de fazer do homem um ser eterno, pois a “a memória por ser fonte de imortalidade, é categoria fundamental do ser, matéria prima da vida, imperativo da sobrevivência”³. A memória, portanto, como afirma Chauí, é “Inseparável do sentimento de tempo ou da percepção da experiência do tempo com algo que escoo ou passa”⁴ e que precisa ser preservado para que o ser humano não perca a consciência de si mesmo.

O passado confirma a identidade e enriquece o presente com resíduos ampliados sobre tempo que já se foi (o ser de ontem é o ser de hoje). Dessa forma,

² LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. In: Projeto História 17. São Paulo: PUC, 1998. p 111.

³ NEVES, Lucilia de Almeida. *Jardim do tempo*. Belo Horizonte: Del Rey, 1999. p 99.

⁴ CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995. p 127.

passado e presente existem simultaneamente. A humanidade, consciente dessa dinâmica vital de preservação do conhecimento de si mesma para as futuras gerações, dedica-se a tarefas de preservação no presente, que um dia será passado, de registros, informações, monumentos, enfim luzes para seu reconhecimento e seu não esquecimento no futuro.

De acordo com Lowenthal (1998) são três as principais fontes de conhecimento sobre o passado: **a memória**, que é introspectiva e inerente ao ser humano; **a História**, que é contingente e empiricamente verificável e **os fragmentos**, que são construções realizadas pelo homem e que se transformam em relíquias, resíduos, marcas, patrimônio. Na verdade, o próprio homem, sujeito construtor do processo histórico, é também quem constrói as fontes e os documentos que orientarão e subsidiarão a construção da História enquanto saber.

DOCUMENTOS ORAIS – REGISTRO DO PRESENTE PARA O FUTURO

A metodologia da história oral integra-se ao conjunto de esforços do homem produtor de conhecimentos para registrar, através de narrativas, as versões de diferentes sujeitos históricos sobre suas experiências de vida e sobre sua integração no processo constitutivo da História. Na verdade, ao se gravar um depoimento de história de vida ou mesmo uma entrevista temática, o pesquisador está, de forma deliberada, se inscrevendo no processo de registro do passado e de produção de documentos sobre o mesmo. Ao registrar no tempo presente as memórias sobre o tempo que passou, o historiador e demais profissionais vinculados a programas de História Oral fazem dos testemunhos recolhidos, *fontes de imortalidade* – documentos/monumentos, sob a forma de vozes e de textos, que ficarão arquivados como registros vivos da multiplicidade de experiências que constituem a vida humana na sua essência.

São as vozes do passado atualizadas no presente, que presenteiam o futuro com a fonte maior da vida: a memória. Os documentos orais, tal qual os lugares da memória, como assim os denominou Pierre Nora⁵, são bastiões das lembranças. Reportando a Nora, tais lugares – e, no nosso caso, documentos orais – *“nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea”*.

Ora, a memória humana, apesar de na maior parte das vezes se expressar individualmente, é inesgotável e múltipla. Inscreve-se na dinâmica multicultural da vida, é dilacerada, plural, coletiva. Nela está presente um cabedal infinito de reminiscências e lembranças, relacionadas ao entrecruzamento de tempos múltiplos, dos quais só somos capazes de registrar fragmentos.

⁵ NORA, Pierre. *Les Lieux de Mémoire. I La République*. Paris: Gallimard, 1984.

No processar da memória estão presentes as dimensões do tempo individual e do tempo coletivo (social, comunitário, nacional, internacional). Os sinais externos que mobilizam o ato de recordar e mesmo a indução de uma entrevista de história oral são referências para o afloramento de lembranças, que podem se constituir como narrativas de acontecimentos históricos ou como testemunhos dos mesmos.

Ora, a complexidade inerente à produção de um documento oral – não só como procedimento técnico, mas principalmente como opção metodológica – exige do pesquisador uma formação universal, pluralista, que em grande parte das vezes os compartimentalizados cursos de graduação da maioria das universidades não oferecem. O terreno da memória em sua relação com a História é necessariamente interdisciplinar, pois comporta saberes e processos comuns a diferentes disciplinas. Em decorrência, inscrevendo-se na melhor das proposições da Escola dos Annales, os projetos de pesquisa que têm na metodologia da história oral seu núcleo central, têm caminhado pelo terreno multiplicador da contribuição e interlocução de diferentes áreas do saber. Mercedes Vilanova faz referências explícitas a tais procedimentos em artigo no qual descreveu o processo de implementação da história oral na Espanha.⁶

A formação de equipes interdisciplinares nas instituições que se dedicam à produção de fontes orais tem ocorrido através de processos quase que espontâneos ou, melhor dizendo, naturais. São historiadores dialogando e construindo o saber em interlocução criativa com sociólogos, antropólogos, linguistas, psicólogos entre outros profissionais que escolheram lidar com algo tão complexo como a memória humana.

Na verdade, a convicção de que o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual exclusivo dos depoentes, pois os mesmos, inúmeras vezes, trazem gravados em si as histórias de família, as tradições culturais de sua região ou país, as histórias dos amigos, das instituições ou comunidades às quais estão vinculados, tudo faz do processo de construção do documento oral um procedimento delicado e complexo, que requer um esforço de conhecimento amplo que só mesmo uma contribuição interdisciplinar pode oferecer. Nesse sentido, o romance *“Memória Inventada”*, sobre gerações de mulheres judias, escrito por Erica Jong, é exemplar e contém uma frase altamente significativa sobre as potencialidades de transmissão da memória de uma geração a outra: *“Acreditamos que cada geração carrega a anterior através da memória”*.⁷

A dinâmica específica dos processos de conhecimentos interdisciplinares é, pois, essencial à metodologia da história oral. Possibilita uma perspectiva múltipla

⁶ NOVA, Mercedes, “El Combate en Españã, por una Historia sin Adjetivos con Fuentes Oraís”. *HISTORIA e Fuente Oral*, (14), 1995.

⁷ JONG, Erica. *Memória inventada: um romance de mães e filhas*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

e abrangente, que o diálogo criativo entre diferentes áreas de conhecimento naturalmente gera. Só a título de ilustração cabe registrar episódio que, de forma recorrente, tem acontecido com inúmeros pesquisadores, quando a investigação em curso tem como depoentes pessoas de idade mais avançada. Nesses casos, em diferentes ocasiões, pode ocorrer o fato de terem os depoentes dificuldade de se desprender do próprio depoimento, recusando-se implícita ou explicitamente a encerrá-lo. O recurso a conhecimentos da área da psicanálise pode nestas ocasiões ser de grande utilidade.

Na verdade, como as possibilidades da memória humana são inesgotáveis, lidar com elas é caminhar por um terreno fértil mas também escorregadio, que exige do pesquisador sensibilidade, criatividade, ética e conhecimento histórico consistente sobre o tema ou objeto da pesquisa que recorre à história oral como método.

A memória, tanto na sua versão individual como na coletiva, tem potencialidades múltiplas. Entre elas destacam-se, por exemplo: reconhecimento de vivências e traumas do passado, reconstrução da atmosfera de um tempo anterior, reencontro com utopias, representação de correntes de pensamento, lembranças da vida cotidiana com todas as suas alegrias e frustrações, reativação de emoções políticas. O ato de rememorar é quase sempre individual mas a memória está sempre inserida nos quadros sociais da vida humana.⁸

Considerando-se a pluralidade e as potencialidades da memória, cabe tecer algumas análises sobre a relação da memória com a História na perspectiva de produção de documentos orais.

Santo Agostinho, em sua obra *Confissões*, considera a memória uma das categorias fundamentais da alma. Como as comunidades também têm uma alma coletiva conformada por sua cultura, pelos símbolos que cultiva, por seu imaginário social, pelas crenças e valores que orientam seu cotidiano, ao pesquisador que trabalha com história oral cabe uma responsabilidade peculiar ao induzir o ato de rememorar para construção de documentos e fontes orais. Na verdade, cabe-lhe uma responsabilidade dupla integrada à peculiaridade de seu trabalho: respeito ao depoente e retorno do documento produzido ao próprio entrevistado e à comunidade (quando assim autorizado pelo depoente).

Jorge Luís Borges, em coletânea de palestras e ensaios intitulada "*Siete Noches*"⁹, faz a seguinte afirmação: "*Minhas memórias são superiores a meus pensamentos*". De fato, a memória contém em si um poder incomensurável, tanto do ponto de vista individual quanto em sua perspectiva histórica. Na perspectiva histórica tal poder já foi identificado por diferentes historiadores como, por exem-

⁸ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

⁹ BORGES, Jorge Luís. *Siete noches*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

plo, Jacques Le Goff¹⁰ e Paul Thompson¹¹. Na verdade, o direito à memória e à História é também o direito ao passado e a formas específicas de conhecimento sobre o passado. Desse fato decorre o empenho de muitos historiadores e profissionais de áreas afins de conhecimento de contribuir, através da produção de documentos orais, para que o reconhecimento do passado enquanto memória (que é uma fonte inesgotável de informações para História) torne-se mais amplo e acessível aos diferentes segmentos sociais que compõem as comunidades de nações e regiões do mundo nas quais estamos inseridos como sujeitos da História.

HISTÓRIA – MEMÓRIA E INTERDISCIPLINARIDADE

Entre as diferentes formas de tradução da memória individual e coletiva pelo ser humano, a literatura talvez se constitua no terreno mais fértil, pois se caracteriza por forte liberdade criativa. Grandes escritores como Proust, Saint Simon, Eduardo Galeano, Jorge Luís Borges, Gabriel Garcia Marques, Otávio Paz, Pablo Neruda, Margerite Youcenar, Pedro Nava, Albert Camus, Isabel Allende, Patrick Chamoiseau, Graciliano Ramos, tomaram suas memórias como fonte de inspiração para a criação de obras primas da literatura universal. Reconstruíram o passado em tramas literárias carregadas de emoção, de lembranças e reminiscências de tempos pretéritos, possibilitando ao leitor, através da imaginação, viajar por espaços desconhecidos e por épocas por ele não vividas.

A História, como forma de saber, que faz da memória uma de suas principais fontes de conhecimento, não tem como traço inerente a mesma liberdade criativa das obras escritas por ficcionistas e poetas. O conhecimento histórico, apesar de possibilitar aos estudiosos da área empreenderem fascinantes viagens pela temporalidade da trajetória da humanidade e por espaços muitas vezes desconhecidos, é uma produção intelectual do saber, orientada por metodologias precisas e consistentes. O historiador não busca a *verdade* (pois afinal as verdades são sempre versões) mas procura construir evidências e apresentar análises e interpretações sobre o que passou.

Marc Bloch definiu História como a ciência dos homens no tempo. Na verdade, a História é uma categoria do real, sujeita a uma práxis interpretativa e à verificabilidade, através de minuciosa pesquisa documental. Portanto, a metodologia da história oral, que tem na memória e na narrativa de depoentes sua principal fonte de informação, deve cercar-se de cuidados especiais. Entre eles destacamos o de recorrer a recursos epistemológicos de outras áreas de conhecimento para tornar

¹⁰ LE GOFF, Jacques. "Memória". In: ENCICLOPÉDIA Einaudi - Memória- História. S.l., Imprensa/ Casa Nacional da Moeda, 1994.

¹¹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

mais consistente a produção do documento oral, pelo menos em função de duas razões precípuas. A primeira refere-se à busca incessante da própria consistência da fonte produzida. A segunda, à sua socialização, pois o documento oral terá diferentes destinos ao ser socializado: publicação, base para outras pesquisas históricas, formação de acervos, entre outros.

A História, como produção do saber, é um termo em si mesmo polissêmico e também histórico. Ao longo da vasta trajetória da humanidade, em diferentes períodos foi adquirindo significados e conceituações diferentes. Na verdade, a História é uma ciência que carrega as marcas do tempo e sua conceituação está intrinsicamente ligada às características da fase na qual o conhecimento histórico foi ou é produzido. Assim, na Grécia a dimensão do conhecimento histórico era mais metodológica e reflexiva e relacionava-se estreitamente com a filosofia. Em Roma o sentido da História ganhou dimensão utilitária e patriótica. Na Idade Média recuperou parte de sua dimensão filosófica, estabelecendo forte diálogo com a teologia. Com o Renascimento cresceu seu caráter humanista, antropocêntrico, que se desdobrou no Iluminismo, caracterizado por forte racionalismo. No século XIX buscou estatuto de ciência, tanto com o Marxismo quanto com o Positivismo.

Finalmente, no século XX passou por forte revolução metodológica, patrocinada principalmente pela Escola dos Annales. Novos temas, novas abordagens, novas metodologias. No esteio dessas transformações, tem reinado absoluta a idéia de que a interdisciplinaridade e o diálogo franco com outras áreas de conhecimento são vitais para que a História possa melhor captar o acontecido em sua dimensão pluralista e transformá-lo assim em conhecimento intelectual.

Filha da concepção de que a História é uma área de fronteiras, através das quais circulam informações, conceitos, teorias, a história oral tem sido pródiga na utilização de recursos pluridisciplinares. E ao adotar esse procedimento tem trazido contribuições enormes para que a memória se torne uma fonte inesgotável de informações para a própria História e vice versa.

Assim concluímos que a História:

- enriquece as representações possíveis da memória;
- fornece símbolos e conceitos para que a sociedade pense sobre si mesma e sobre sua relação com o passado;
- fertiliza a memória, reativando as lembranças;
- torna-se pluralista, incorporando em seus temas e objetos a sociedade no seu conjunto e na diversidade que lhe é inerente, pois já não se produz conhecimentos exclusivamente atados à *"História dos príncipes"*, mas também da sociedade civil, constituída por homens e mulheres comuns.

Enfim, a produção de documentos orais realiza-se no presente em franco diálogo com formas múltiplas de saber. Através da memória, do passado, tem seus olhos voltados para o futuro, pois os historiadores envolvidos nessa complexa tare-

fa reconhecem o direito dos homens à consciência de si mesmos como sujeitos da história, à cidadania e à identidade individual e coletiva.

MEMORY AND HISTORY: MULTIPLICITY AND SINGULARITY IN THE CONSTRUCTION OF THE ORAL DOCUMENT

Abstract: The present article is focused on the question of the interdisciplinary work in the construction of oral document while it takes the following concepts as reference: memory, history, identity and multidisciplinaryity.

Keywords: memory, history, identity